

Índios choram presidente da Funai

O corpo de Sullivan Silvestre foi enterrado em Goiânia. Ministro da Justiça pede rigor nas investigações sobre causa do acidente

Goiânia — O corpo do presidente da Fundação Nacional do Índio (Funai), Sullivan Silvestre, 37 anos, morto segunda-feira à noite num acidente de avião, foi sepultado ontem, às 15h40, no Cemitério Jardim das Palmeiras, em Goiânia. Índios caiapó, terena e xavantes dançaram durante o enterro e lamentaram a morte de "uma pessoa de confiança e muito séria", segundo o xavante Jeremias.

O avião Sêneca II (prefixo PT-EQZ) em que Sullivan viajava de Brasília para Goiânia caiu perto do Aeroporto Santa Genoveva, da capital de Goiás. Também morreram no acidente o piloto Agmar Rodrigues Rosa e os assessores da Funai Adão Fernandes Sobrinho e Luciano Ribeiro Neves. Todos ficaram carbonizados.

O corpo de Luciano foi sepultado no Cemitério Campo da Esperança, em Brasília, às 17h, e o de Adão, que era lotado na Superintendência de Cuiabá (MT), foi transladado para aquela cidade, onde deve ser enterrado hoje.

Antes de cair, o Sêneca bateu em árvores, derrubou postes e destruiu um carro. Depois, como uma bola de fogo, segundo descrevem moradores do bairro, caiu sobre a casa de Luizmar de Paula, no bairro Goiânia II, a quatro quilômetros do aeroporto. Ninguém na casa ficou ferido.

VÔO TROCADO

Na hora do acidente, o bimotor da Uta-Base Táxi-Aéreo, que Sullivan fretou em Brasília depois de perder um voo comercial para Goiânia, onde se reuniria com mais de 200 índios das tribos Fulni-ô e Pankararu, estava nos procedimentos finais de pouso. Segundo avaliação de alguns pilotos, faltariam apenas dez segundos para alcançar a pista. Todas as características do acidente levam a crer que houve parada total dos dois motores.

A 50 km de Goiânia, em Anápolis, a testemunha Josué de Bezerra disse ter percebido, por volta das 21h, que o aparelho voava baixo e apresentava problemas. A torre do aeroporto local garante que nenhum contato ou pedido de pouso de emergência foi feito.

O diretor do Centro-Oeste do Sindicato Nacional dos Aeronautas, Mozart Barroso, disse que a empresa estava com pendência judicial por causas trabalhistas, mas desconhecia qualquer irregularidade nos dois únicos aviões da Uta-Base. O dono da empresa de táxi-aéreo, Bruno Finotti, garantiu que o Sêneca tinha motores novos. Ele afirmou que não poderia imaginar o que aconteceu na noite de segunda-feira, pois o piloto Agmar Rosa tinha 23 anos de experiência.

Segundo o Ministério da Aeronáutica, as investigações sobre o acidente serão conduzidas pelo

Paulo de Araújo 13.1.98



Sullivan Silvestre (D) havia perdido um voo e por isso fretou o bimotor que caiu a 3 km do aeroporto de Goiânia.

Serviço Regional de Aviação Civil (Serac-6) e devem demorar pelo menos 90 dias. A polícia Civil de Goiás deve abrir inquérito, enquanto a Polícia Federal vai esperar pelo relatório final do Centro de Prevenção de Acidentes Aéreos (Cenipa) para fazer o mesmo. Caso haja indícios de sabotagem, a PF entrará no caso, já que Silvestre era funcionário público federal.

O ministro da Justiça, Renan Calheiros, que foi ao enterro do presidente da Funai, disse que acompa-

nhará as investigações. "Não quero prejudicar, mas quero saber de tudo", comentou, ao ser perguntado se o acidente era comum ou poderia estar ligado aos conflitos da Funai.

Além do ministro, estiveram no enterro os senadores Iris Rezende, Maguito Vilela e Mauro Miranda, todos do PMDB, e o vice-governador de Goiás, Alcides Rodrigues Júnior. Índios de diversas tribos homenagearam o presidente da Funai com cerimônia tradicional para os mortos.

O presidente Fernando Henrique

enviou mensagem à família de Sullivan, em Goiânia, e divulgou nota oficial lamentando a morte dos três dirigentes da Funai. Na nota, o presidente ressalta que, como promotor público, Sullivan se destacou na defesa das questões ambientais e de uma melhor qualidade de vida. Observa também que, como presidente da Funai, ele dedicou sua vida à defesa e à melhoria das condições dos indígenas brasileiros. "O Brasil perdeu três leais servidores da causa pública", diz a nota.

Início como ambientalista

Bacharel em direito, Sullivan Silvestre atingiu notoriedade desde os 20 anos, já promotor de justiça, ao iniciar uma luta solitária contra a ação predatória dos garimpeiros em rios que banham o estado de Goiás. Ele teve destacada atuação na defesa do meio ambiente, tendo ocupado as funções de curador do Meio Ambiente de Goiânia e coordenador do Núcleo de Meio Ambiente da Procuradoria Geral de Justiça, entre 1991 e 1994. Nesse período, foi co-autor do anteprojeto de lei estadual que instituiu a política florestal de Goiás.

BACIAS

No exercício dessas atividades, ele foi responsável direto pelo processo de recuperação da bacia fluvial do rio Vermelho, em Goiás Velho, de onde foram retirados mais de 20 mil garimpeiros. Contribuiu também para a recuperação de 20 mil km de rios goianos.

Na Funai, Sullivan teve como prioridade a demarcação e regularização das terras indígenas. Ele demarcou 213 milhões de hectares, regularizou cerca de 25 milhões e identificou outros 10 milhões de hectares.

Apesar da biografia, Sullivan não foi poupado de críticas por comunidades indígenas. Sempre presente em áreas de conflito para negociar soluções pessoalmente, em três ocasiões ele foi tomado como refém.